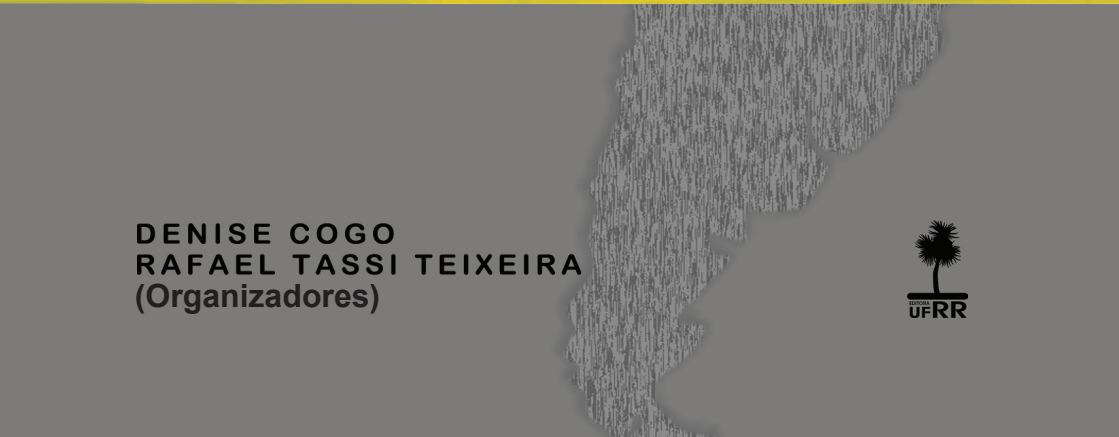
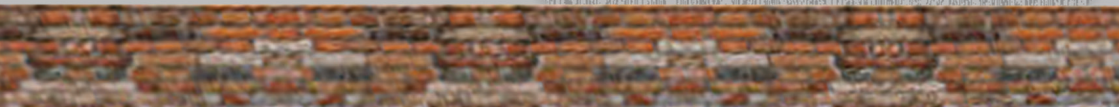


# GUIA DE CINEMA E MIGRAÇÕES TRANSNACIONAIS



**DENISE COGO**  
**RAFAEL TASSI TEIXEIRA**  
(Organizadores)



## **Guia de Cinema e Migrações Transnacionais**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR

**REITOR**

Jefferson Fernandes do Nascimento

**VICE-REITOR**

Américo Alves de Lyra Júnior

**EDITORA DA UFRR**

**Diretor da EDUFRR**

Cezário Paulino B. de Queiroz

**CONSELHO EDITORIAL**

Alexander Sibajev

Cássio Sanguini Sérgio

Edlauva Oliveira dos Santos

Guido Nunes Lopes

Gustavo Vargas Cohen

Lourival Novais Néto

Luis Felipe Paes de Almeida

Madalena V. M. do C. Borges

Marisa Barbosa Araújo

Rileuda de Sena Rebouças

Silvana Túlio Fortes

Teresa Cristina E. dos Anjos

Wagner da Silva Dias



Editora da Universidade Federal de Roraima  
Campus do Paricarana - Av. Cap. Ene Garcez, 2413,  
Aeroporto - CEP.: 69.310-000. Boa Vista - RR - Brasil  
e-mail: [editora@ufrr.br](mailto:editora@ufrr.br) / [editoraufrr@gmail.com](mailto:editoraufrr@gmail.com)  
Fone: + 55 95 3621 3111

A Editora da UFRR é filiada à:





## LISBOETAS (2004)

**Título original:** Lisboetas

**Direção:** Sérgio Tréfaut

**País:** Portugal

**Idioma:** Mandarim | Português |

Romeno | Russo | Ucraniano

---

### SINOPSE:

Um documentário sobre modos de vida, mercado de trabalho, direitos, cultos religiosos e identidades, abordando a experiência humana de imigrantes da grande Lisboa. Trata-se de uma narrativa política sobre a vaga de imigração que mudou Portugal.

---

## Lisboetas

Eduardo Baggio  
Manuela Penafria

O cartaz que anunciou a estreia em sala de cinema de Lisboetas (2004), de Sérgio Tréfaut, perguntava: “Quem és tu? O que fazes aqui?”. Para o título deste texto colocamos a afirmação “Estou aqui, agora ou para sempre” como possível resposta a essas interrogações, já que são interrogações daquelas que se fazem uma a seguir da outra, e não dão

tempo de resposta a cada uma, mas às duas, em simultâneo. E esta nossa resposta podia bem ser dada pelos imigrantes que habitam em Portugal ou em qualquer outro país. É uma resposta que invoca direitos, mas, ao mesmo tempo, devolve a interrogação: e tu, que já aqui estás, o que fazes?

Tradicionalmente um país de emigrantes, Portugal vê na década de 2000 a chegada de vários imigrantes. Oriundos dos mais diversos países do mundo, alguns desses imigrantes se tornaram os intervenientes de Lisboa (Sérgio Tréfaut, 2004). São pessoas que passaram a viver na capital portuguesa, mas que não pertencem e/ou não se sentem pertencentes à vida de Lisboa e à vida de Portugal. Dentre as mais variadas situações cotidianas vividas em uma grande cidade, algumas são muito próprias dos que, de origem, não são dali: aulas de língua local, a busca por trabalho (legal ou ilegal), o contato com a família distante, o enfrentamento da burocracia estatal, a busca da manutenção da cultura original, entre outras. Essas são algumas das atividades que servem de fio condutor para as cenas do documentário de Tréfaut, sempre com o foco nos intervenientes e nas suas necessidades do dia a dia.

Apesar da imigração ter se espalhado por Portugal, o documentário delimita Lisboa como espaço de observação das vidas que são de seu interesse fundamental. Desta forma, além de focar na maior cidade portuguesa e na que recebeu a maior quantidade de imigrantes, o filme cria uma ambiguidade forte entre aquilo que é global – a diversidade de origens e culturas dos migrantes – e o que é local – o espaço físico e a cultura de Lisboa. Assim, Lisboa, o título do filme,

carrega tal ambiguidade e a transforma em ambivalência, pois se refere tanto aos imigrantes que são novos habitantes de Lisboa como também aos moradores originais da cidade e sua respectiva cultura.

As cenas de Lisboa são organizadas em sequências que não produzem fortes ligações entre os intervenientes, mas que apresentam grande força interna, como que em movimentos centrípetos que nos colocam em contato com o extraordinário na vida ordinária de cada um deles. Em princípio, as ações que nos são mostradas seriam banais, o cúmulo do cotidiano; mas diante da condição diaspórica de cada um deles, tornam-se intensas e, por vezes, tensas. Tal condição é constantemente reforçada pela constituição da *mise-en-scène* do filme, que enfatiza o estranhamento vivido pelos intervenientes, que têm dificuldades de interagir com o local onde estão, seja por desconhecerem a língua, a cultura, ou mesmo a espacialidade lisboeta.

A constituição da *mise-en-scène* varia bastante entre as cenas do documentário e segue as situações vividas pelos imigrantes. Essa variação possibilita, por exemplo, uma cena em que quatro imigrantes tentam regularizar suas situações em uma agência da SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras). Desde o primeiro deles – um ucraniano que ficou mais de seis meses fora de Portugal, algo que é contra as regras e por isso ele está irregular –, até o último – um imigrante negro de nacionalidade não evidenciada que está sendo informado de que precisa conseguir outros documentos além daqueles que levou –, todos são colocados diante da rigidez da burocracia da SEF. A forma fílmica acompanha essa característica do momento vivido por eles.

Assim, todos são mostrados em uma *mise-en-scène* rígida, com enquadramentos em primeiro plano, que mostram com centralidade e muitos detalhes os rostos dessas pessoas que estão perdidas naquela situação. Ao fundo das imagens dos rostos, vemos outras pessoas, sentadas esperando para serem atendidas, que estão desfocadas na profundidade de campo, representando uma infinidade de outros imigrantes indefinidos, em busca de autorização de residência e de trabalho em Lisboa. Irônica e provocativamente, o filme, ao intitular-se *Lisboetas*, já é uma afirmação de que todos esses imigrantes são, efetivamente, parte integrante da cidade. Os cortes nesta cena só ocorrem quando muda o interveniente que é mostrado e, em todos os quatro casos, temos a mesma voz feminina da funcionária da SEF que os atende, mas não vemos seu rosto. O documentário a configura como uma agente que confronta com clareza burocrática as expressões dos imigrantes que, por sua vez, não conseguem entender as leis e regras que estão regendo suas vidas (Fig. 2).



Fig. 2 Fotogramas de *Lisboetas*

Já na cena seguinte, bastante distinta da anterior em sua constituição, temos uma forte característica voyeurística. Acompanhamos vários imigrantes tentando conseguir trabalho ilegal na construção civil. Eles estão em uma rua no bairro de Campo Grande e são abordados por empreiteiros que chegam de carro, param e conversam com eles. Um dos imigrantes está com um microfone de lapela, o que permite que, apesar da câmera extremamente distante, possamos acompanhar o áudio dos diálogos. Diferente da proximidade extrema da cena anterior, aqui temos a distância enfatizada na *mise-en-scène*, com enquadramentos bem mais abertos e o movimento da câmera em busca dos imigrantes e de seus recrutadores que negociam a força de trabalho ilegal e barata. Tal distância e oscilação da câmera colabora, neste caso, para que a forma fílmica reforce a ideia de que a busca por trabalho empreendida por estes imigrantes os coloca em uma situação afastada e cambaleante diante do que é a vida regular de um lisboeta.

Lisboetas evoca constantemente uma nostalgia de algo que não sabemos exatamente o que é, pois não é especificada no caso de cada interveniente; é geral, é a nostalgia típica de todo migrante. Se viver em Portugal trouxe para os intervenientes a possibilidade, não necessariamente confirmada, de melhores condições nos aspectos objetivos e práticos da vida, há o sentimento da falta, subjetivo e não definível em palavras, que é expresso nos enquadramentos que se aproximam das feições, na montagem que enfatiza olhares e na música de timbres melancólicos.

Um dos exemplos mais contundentes do aspecto nostálgico do filme é a cena acompanhada pelo áudio de um

programa radiofônico em que o locutor lê em romeno as notícias do jornal Luso-Romeno Diáspora. Simultaneamente com o áudio noticioso da rádio, o documentário nos apresenta uma música de violinos, em tom muito suave, que remete ao passado, especialmente porque a imagem nos mostra uma jovem imigrante com um bebê no colo. Ela está sentada no último banco de um bonde que cruza as ruas de Lisboa e seu olhar alterna entre a atenção ao bebê em seus braços e momentos em que parece não focar em nada, ou seja, entre um futuro concreto em Portugal e um futuro indefinido, só possível de ser balizado com relação ao passado, àquilo que ficou em sua terra natal. As notícias seguem e destacam que naquela manhã 53 imigrantes foram presos pela polícia de Lisboa por não possuírem documentos.

O filme reúne situações diversas, e, nesse conjunto de situações do cotidiano, perpassa um sentimento de pertencer/não pertencer ao local onde se vive, a incerteza do presente e do futuro, a perda do passado – aqui a nostalgia se instala como emoção dominante, tanto nos intervenientes como nos espectadores.